

Compete ao terapeuta de família trabalhar valores?

Maria Rita D'Angelo Seixas

O que me levou a abordar este tema é a inquietação que venho vivendo já há algum tempo enquanto terapeuta de casal e família, causada pelo que tenho “ouvido” de meus pacientes, ao trazerem suas angústias de falta de parâmetros para educar e se relacionar com os filhos e com seu cônjuge.

É a mãe que não sabe o que fazer com a filha de 18 anos, que quer sair de casa para viver em uma comunidade de estranhos, sem deixar sequer endereço.

Mulheres que se negam a terem relações sexuais com seus maridos, porque não têm participação em sua vida na qual só há espaço para o trabalho.

Marido que repudia a mulher porque esta só o desrespeita sem expressar nenhum afeto, porque ele ajuda pouco em casa financeiramente e enquanto pai.

Através de todas estas queixas, escondem-se dilemas éticos e desvalorização própria e alheia.

Podemos trabalhar com valores ou devemos ficar isentos para não influenciar nossos pacientes?

Podemos, como terapeutas, nos permitir ficar neste dilema que nos leva à paralisia ou temos que pensar sobre o assunto e caminhar em busca de uma coerência pessoal e profissional que nos indique um caminho?

Parece-nos no mínimo necessário refletir sobre o tema dos valores, ética e mudanças no mundo atual, como um começo de busca deste caminho.

Dentro de uma visão sistêmica que adotamos, entendemos a vida humana como resultante de relacionamentos contínuos entre seres humanos, entre estes e outros organismos vivos e ainda, com outros diferentes elementos, ambientais sócio-culturais, materiais, biofísicos e históricos.

Estas inter-relações vão desenvolvendo os sentidos e sentimentos das pessoas e determinando o surgimento de preceitos (que orientam e condicionam ações) e os próprios comportamentos relacionais.

Estes preceitos e comportamentos vão sendo valorizados diferencialmente. Alguns passam a ser tão valorizados que tornam-se princípios orientadores de outros preceitos e comportamentos e formam um conjunto de premissas básicas, que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações. Chegam mesmo a orientar nossas vidas e a dar-lhes sentido. Então são chamados de preceitos éticos.

Watzlawick falando sobre a comunicação humana, nos conta como os valores se formam.

Nossas vivências nos fazem tomar contato direto com as coisas e nos dá conhecimentos da existência das mesmas. Aprendemos a partir daí, quais as conseqüências do nosso modo de agir sobre elas. Essas conseqüências adquirem significado para nós. Utilizando-nos de várias experiências, adquirimos ou formulamos regras, princípios básicos para nortear a nossa forma de estar no mundo. O conjunto destes princípios básicos, crenças ou valores, constituirão nossa visão do mundo, uma síntese de nossas vivências. Podemos chamar de nosso paradigma social e ético.

Os valores são constituídos a partir de vivências e só se alteram também a partir de outras vivências. Dificilmente transmitimos valores através de aulas ou qualquer outra forma de transmissão racional e/ou verbal.

As famílias e comunidades desenvolvem estes valores compartilhados ao longo do tempo, influenciados pelo seu contexto cultural, e a este conjunto chamamos Ética.

A Ética é assim constituída por preceitos e comportamentos éticos desenvolvidos através de nossa existência e de nossos inter-relacionamentos Homem-Mundo. Assim sendo são mutáveis, não ao acaso, por valores espontaneistas, voluntaristas, mas devido à grande diversidade e multiplicidade de fatores e acontecimentos culturais e sociais.

Até a idade moderna era mais comum uma posição filosófica chamada “absolutista” para a qual os valores eram os critérios últimos de definições de metas ou fins, para as ações humanas e não necessitavam de explicações maiores do que eles mesmos, para existirem. Ou seja, devemos ser bons porque a bondade é um valor.

Para outras posições porém, os valores são determinados por culturas particulares em função de certos momentos históricos, variando de acordo com cada sociedade e período de sua existência. Algo considerado justo e correto em uma localidade, em outro tempo e lugar, poderia não sê-lo. Cabanas (1996) chama a esta posição de “relativismo”, em que os valores fundamentais seriam relativos a determinados espaços e tempos, não existindo como valores universais.

Sem adotarmos nenhum dos extremos, podemos concordar com Adorno (1978) que diz que os valores universais como justiça e verdade existem. O que não podemos dizer é que já os atingimos, porque só apreendemos uma parte deles. As pessoas precisam, para adotar seus valores, de tempo para vivenciar alguns, questioná-los, pensar sobre eles e finalmente adotá-los criticamente.

A rapidez das experiências do mundo atual, não facilita esta explicitação clara de preceitos e comportamentos norteadores, devidamente vivenciados e valorizados, deixando-nos em um desamparo de valores.

Vivemos uma fase de vertiginosas mudanças, de “quebra de valores pré-existentes” e com ausência de novos valores relacionais estruturados, estáveis e bem aceitos.

Di Giorgi (*in* Santos e Silva, 2002) diz que para entendermos este processo profundo de mudanças nos valores e práticas da cultura e da sociedade brasileira, temos que entender os processos de transformação global que nos atinge a todos não só no plano político e cultural, mas também no plano mais subjetivo, nos planos interpessoal e intrapessoal, ou seja, no plano psicológico, ao qual nos prenderemos.

Diferentemente do que acontecia há 20 ou 30 anos atrás diz ele, atualmente “a identidade precisa ser construída”.

Tedesco (1998) diz que há um “déficit de socialização” no mundo atual. As instituições família e escola, formadoras de valores estão perdendo a capacidade de transmitir com eficácia seus valores e normas culturais e a mídia também não o faz, por Moreno diz que nos desenvolvemos a partir da co-existência, com-vivência e co-ação na família, que é parte importante em nossas vidas, chamada de **Matriz de Identidade**. Ela é a principal instituição responsável pela transmissão de valores, culturas, mitos e crenças para as novas personalidades em formação.

Moreno diz que nos desenvolvemos a partir da co-existência, com-vivência e co-ação na família, que é parte importante em nossas vidas, chamada de **Matriz de Identidade**. Ela é a principal instituição responsável pela transmissão de valores, culturas, mitos e crenças para as novas personalidades em formação.

Mas como, estando a família envolvida pela crise social e tendo seus valores abalados pelo relativismo atual, tanto quanto a da sociedade em que está inserida, poderá ajudar seus membros?

E como nós terapeutas tratamos destas famílias poderemos ficar alheios a esse drama?

Entendemos que este próprio relativismo que nos confunde é o que nos dá uma saída.

Mas como, estando a família envolvida pela crise social e tendo seus valores abalados pelo relativismo atual, tanto quanto a da sociedade em que está inserida, poderá ajudar seus membros?

Entendemos que este próprio relativismo que nos confunde é o que nos dá uma saída.que não foi projetada para transmitir moral e cultura.

Coexistindo com uma visão tecnicista de mundo e ao lado de um consumismo e individualismo desenfreados, começa-se a delinear uma outra forma de ver o mundo, que nos parece oferecer uma saída mais construtiva para a realidade atual.

Trata-se de perceber como Capra, que estamos em um momento de transição, numa crise de paradigma. Esta mudança consiste em deixar para traz a crença de que o Universo é composto de unidades materiais elementares, que a vida em sociedade deve ser uma luta competitiva pela existência e que o progresso material deve ser o objetivo a ser atingido por todos os homens, a qualquer custo. Cada vez mais se impõe a nós, uma compreensão do mundo como uma unidade ecológica e complexa, que não pode ser entendida sem que se perceba a interação entre seus elementos e sem que se busque uma co-participação.

A consciência de uma complexidade crescente de perspectivas para cada fato abole a visão linear de causa e efeito, dificulta uma atitude julgadora de certo e errado e conseqüentemente impossibilita a existência de uma verdade única. Isto por um lado, dificulta a eleição de uma escala de valores única e pode levar à impunidade, mas por outro lado, traz vantagens, porque torna a sociedade menos julgadora, preconceituosa e autoritária e mais capaz de conviver com diferenças.

Pela evolução desta concepção de mundo, surge a epistemologia construtivista. Afirma que cada um apreende apenas um aspecto da realidade dependendo de sua história de vida e de sua fisiologia perceptiva, que selecionam estes aspectos.

Por outro lado, sabemos que os homens se comunicam através da linguagem e que as ações de vários seres humanos se coordenam. Os significados são construídos por ação e diálogo. Isso nos faz crer que toda a realidade é uma co-construção social. O mundo em que vivemos é definido através das descrições conjuntas que fazemos de nossa experiência.

Como não podemos validar nossas concepções como verdadeiras, porque a realidade esta “fora” de nós e é independente do observador e inacessível ‘a experiência humana, o que temos que fazer é assumir a responsabilidade de como construímos esta realidade e das conseqüências deste modo de construir. A busca de construções conjuntas para que nossas verdades sejam apoiadas em uma construção social e consensual passa a ser desejada e a forma de consegui-la é através do diálogo antagônico a competição.

Começa a se delinear uma nova forma de se colocar no mundo, uma nova postura.

Dialogar respeitando as diferenças e buscando-se chegar a um consenso sem imposições, cuidando para que cada um seja considerado na sua individualidade, desde que arque com as conseqüências de seus atos e também não invada os demais.

Por tudo isto, hoje a atividade do sujeito na construção da sua individualidade adquire papel central.

Hoje a pessoa incorpora fragmentos diversos de vários sistemas (escola, mídia, família, empresa e igreja) e ela própria deve concluir o seu. Isto envolve muitos riscos, mas também gera novas potencialidades para uma vida humana mais livre, igualitária e fraterna.

É o tempo da decadência do poder e do autoritarismo e gera algumas modificações importantes de valores que vão repercutir na terapia, principalmente na terapia conjugal.

Diante de todas essas transformações é fácil imaginar como as pessoas e as famílias sentem-se perdidas em seus valores éticos, como se torna hoje difícil a transmissão dos mesmos entre pais e filhos, de forma adequada e como é preciso cada um construir seus próprios valores.

Apresentaremos agora um caso que pode exemplificar como a adoção de valores distorcidos através de vivências familiares pode levar a graves dificuldades. E como trabalhando com essa família utilizamos as concepções de Nagy e Moreno sobre o trabalho com valores na terapia.

Fomos procurados pela família F. com uma história de muita briga e discussão entre as filhas de 21 e 23 anos. (Alguns dados de nossa história foram alterados para evitar identificações). O marido é administrador de empresa, havia sido alto funcionário de multinacional e a esposa educadora, sendo que todas as três mulheres muito terapeutizadas, falavam o tempo todo em “jargão” psicológico e interpretativo.

A sessão começou de fato com muita discussão entre as duas filhas. A mais velha (A.M.), acusava a irmã de provocá-la o tempo todo e ela, devido a uma forte impulsividade decorrente de seu D.D.A. (Distúrbio de Déficit de Atenção), não conseguia se conter, acabando por explodir e depois ficando muito mal, enquanto a outra (B.M.) sempre se saía bem. Nitidamente, a mãe apoiou esta versão, enquanto o pai desculpou a menor, dizendo que não via as coisas desta forma, pois a mais velha sempre era muito agressiva, o que gerou forte represália dela e da mãe em relação a ele, acompanhada de desvalorizações como: “você está sempre no ‘mundo da lua’, nunca vê nada e defende (B.M.) porque são iguais” .

Mariana a mãe, passa a justificar que A.M. tem muito ciúme de B.M. por que esta havia sido muito cuidada por ter tido um problema de endometriose que pode levar à esterilidade e ficou muito mimada. E depois conta com muita raiva que o senhor Aldo a provoca da mesma maneira passiva que B.M. usa para com a irmã, não fazendo nunca o que ela lhe pede e deixando-a fora de si. Ele sempre acaba como o coitadinho também.

A seu ver Aldo deveria ser mais participante, ativo e colaborador. “Precisava” fazer um esforço para se corrigir.

A.M. por sua vez, agride também o pai dizendo que não se interessa por nada, não é capaz de argumentar numa discussão, nem participar de conversas com seus amigos como faziam os pais de seu namorado.

B.M. interferia, dizendo que ela e a mãe não respeitavam a forma do pai ser e queriam que ele fosse igual ao modelo que tinham na cabeça.

Neste momento as duas começaram nova discussão acirrada e os pais passavam para pano de fundo.

Todos exigiam ser respeitados na sua forma de ser, mas ninguém respeitava o outro. A atitude dos quatro me fez supor que as filhas estariam atuando uma disputa dos pais. Que desta forma não apresentavam toda a agressividade que retinham um em relação ao outro.

Na sessão seguinte, a filha mais velha (A.M.) agrediu muito o pai, desvalorizando-o como pessoa, desqualificando sua posição política e atitude diante da vida, de uma forma bastante desrespeitosa e agressiva, sem nenhum motivo. Começou tudo, porque o pai se referia a um dos rapazes do prédio em que moravam como “baderneiro”, sendo que, segundo ela, ele nem o conhecia e se permitia fazer juízo sobre o rapaz sem nenhuma base, como tudo o que fazia na vida.

A mãe limitou-se a dizer que o marido era sempre assim e que demorava muito para se ligar de manhã. Precisava “pegar no tranco”. Era muito lento.

O pai parou de reagir e deprimiu visivelmente, não adiantando muito as palavras de apoio da outra filha. A agressão foi de tal forma violenta e com palavras tão grosseiras, e a falta de capacidade dos pais colocarem limites foi tão grande, que decidi intervir de forma mais drástica. Pedi ao pai que me contasse como fora sua vida profissional antes de ser mandado embora da firma.

Aldo pareceu renascer e narrou como fora uma figura importante na firma, que o havia recebido de volta, em uma ocasião em que precisara sair por motivos familiares e que sempre fora tratado com muita consideração.

Sua última dispensa estava aliada à necessidade de contenção de despesas da firma, pois seu salário era um dos mais altos.

T. – “Quer dizer então, que o sr. não é o imbecil que a sua família descreve?” “O que o faz ser visto assim em sua família?” Encerrei a sessão com estas palavras deixando que pensassem em casa.

Na sessão seguinte A.M. disse que havia se desculpado com o pai, que estavam em uma relação muito melhor.

A mãe, conforme havia avisado anteriormente, não compareceu por motivo de viagem.

Nesta sessão as irmãs narraram uma discussão que tiveram em que A.M. acusava novamente B.M. de a haver desrespeitado e feito explodir.

B.M. usara uma roupa sua, o que fazia parte do acordo entre ambas. B.M., porém, não havia pendurado no guarda-roupa como “deveria”, deixando na cadeira do quarto. Quando A.M. reclamou, B.M. depois de muito tempo foi pendurar com raiva e um risinho irônico, caçoando de seu descontrole e mostrando assim que não a respeitava, nem gostava dela como irmã, pois desqualificava seu problema. (sic.) “Era uma escrota”!

B.M. revela que foi pendurar quando pode e a ironia foi pelas coisas pesadas que a irmã dissera, por não haver pendurado a roupa. Achava que ela precisava “aprender” a tratar os outros de outra maneira.

A Terapeuta marcou a ambas a atitude profissional e educativa que uma tinha em relação à outra. Ninguém procurava se educar, mas deveriam “educar” os outros. É uma família de “professores”?

Na sessão seguinte os pais tiveram também uma discussão em que a mãe dizia como o pai, que era seu sócio em um empreendimento comum “deveria agir”, porque da forma como fazia a desequilibrava e que ele queria desestabilizá-la porque tinha ciúme do seu sucesso.

O pai relata que o empreendimento havia sido avaliado como muito bom, com uma organização excelente e que se ele quisesse atrapalhá-la não teria feito tão bem. O que acontecia é que ela queria que ele trabalhasse no tempo e do jeito dela e não no dele e que ela teria que se acostumar com o jeito dele.

T. – Perguntei a ela como conseguia trabalhar com um sócio, que ela pensava que queria desequilibrá-la. Conversamos como a forma dos dois interagirem era muito parecida com as das filhas. Cada um se preocupava em dizer como o outro deveria agir. Realmente se confirmava a metáfora de uma família de professores, que ditavam normas e regras de comportamento para os outros e com muita agressividade e autoritarismo.

Surgiu então, a proposta de que deveríamos trabalhar um pouco com a dinâmica do casal, que se refletia nas filhas e reforçava o modelo delas.

Todos com exceção de A.M. concordaram. Esta trouxe no final da sessão outra briga com a irmã e dizia que como sempre, o problema dela estava sendo deixado de lado.

T. - Argumentei que não a estava abandonando, simplesmente priorizando o trabalho com os pais e pensava que isto as ajudaria também e que depois voltaríamos à terapia familiar, o que ficou acertado.

Agi desta forma, porque me certifiquei de que os pais passavam para as filhas um modelo relacional de um individualismo liberal sem limites, despótico e agressivo e pensei que melhorando a relação dos dois seria mais fácil trabalhar com um novo modelo até porque me parecia que as irmãs se agredindo tanto impediam os pais de se confrontarem realmente. Eles aceitaram esta visão.

Na primeira sessão de casal os dois estavam bastante empenhados. Disseram que inclusive as filhas haviam se acalmado.

Procurei trabalhar com escultura*, porque Mariana com sua fluência verbal, sempre deixava Aldo sem saída.

Pensei que seria bom começar com algo que lhes recordasse dias melhores da relação e lhes pedi que fizessem uma escultura de como eles eram quando se conheceram. Aldo fez uma imagem dele abraçando protetoramente, a esposa. Segundo ele sempre a protegera. Talvez por ela ser bem mais nova que ele.

Ela, ironicamente revidou que nunca se sentira protegida. Ao contrário, sempre o arrastara para frente.

A seguir fez uma escultura na qual ela andava na frente puxando-o pela mão.

Começou então a contar a ida deles para outro Estado que ela incentivou, mas que ele contra-argumentou que voltaram porque ela não se adaptou e ele correu o risco de ficar sem emprego, tendo sido felizmente readmitido na firma da qual saíra.

Mariana conta que sempre deixou sua profissão de lado para segui-lo. Isto aconteceu novamente quando foram para outro país, devido ao trabalho dele e que nestas ocasiões sempre desmanchava e montava as casas sozinha, porque ele ia antes e o trabalho ficava todo para ela. Por isto não via como ele a protegia.

T. – Quem sustentava a família nesta época?

M. – Ele, porque eu tive que parar de trabalhar. Mas, desde que ele foi despedido, quem tem que manter tudo sou eu, embora em sociedade com ele, porque admito que sem ele não poderia levar avante o negócio. Mas não me sinto protegida, e sim lutando lado a lado embora sem vínculos. Hoje somos apenas sócios.

T. – Quando vocês deixaram de ser casal, para se tornarem apenas sócios?

M. – Quando B.M. nasceu, pouco tempo depois, eu fui fazer perineo e operação da bexiga. Por erro médico, fiquei sem movimentação vaginal e doía muito para ter relação. Aí fomos nos afastando sexualmente e nos tornamos sócios.

T. – Mas isto aconteceu há muito tempo. O que fez com que vocês não se separassem?

M. – Eu sabia que não podia arrumar outro, pois não poderia ter relações.

A. - Eu continuei a protegê-la como sempre.

M. – É incrível que ele insista em dizer que me protegeu. Eu fiquei muito magoada, porque neste tempo ele nunca foi a um médico comigo e nunca se preocupou em encontrar nada para resolver meu problema. Os homens sempre fazem as besteiras e nós mulheres é que pagamos.

A. – Mas eu queria lhe dar liberdade de ir ao médico só.

* A escultura é uma técnica psicodramática de concretização dos vínculos familiares. A escultura familiar é a representação de uma parte do átomo social do indivíduo, o seu átomo familiar; concretiza as relações familiares significativas, para as pessoas do grupo familiar no momento, evidenciando a sociometria familiar. Proporcionando oportunidade de reconstrução desta escultura ao nível dramático, explicita desejos, necessidades e caminhos para uma nova forma de relacionamento conjunto (SEIXAS, M.R.D., 1992, pg. 114)

M. – Só recentemente encontrei uma médica de uma especialidade de ginecologia neuropsicológica, que está resolvendo alguma coisa. Já não tenho mais dor e comecei a recuperar alguns movimentos da vagina. Mas há três anos não temos relações.

M. - Eu sim que sempre o protegi, inclusive sempre intermediei um problema relacional que ele tinha com a mãe que era muito sério, até ela morrer. Ela foi mãe solteira e ele foi criado em colégio interno. Só mais tarde é que se aproximaram, mas sempre a relação foi muito difícil e sempre eu o protegi e ajudei.

T. – Pedi a A. que fizesse a escultura de sua família e ele se colocou bem distante da mãe. Disse que sentia muita raiva de ter que ficar no colégio enquanto ela tinha namorado.

M. - Meus pais se davam bem. Meu pai sempre mandou e minha mãe obedeceu, mas sem conflitos. Eu sempre ficava de lado porque eles se davam muito bem.

T. – Pedi a M. que também fizesse a escultura de sua família de origem e a construção foi muito parecida com a de A. M. também ficava distante dos pais com a diferença de que o pai tinha a postura de abraçar, imobilizando a mãe.

T. – De qualquer forma você teve um modelo de casamento em que a mãe é dominada pelo marido. De que maneira isso interferiu na escolha de A.?

M. – Penso que ele nunca me dominaria.

T. – O modelo de homem que você teve na infância foi o homem autoritário e poderoso que foi o seu pai e que você aprendeu a respeitar. Como é para você respeitar um homem que não é assim e principalmente senti-lo como protetor?

M. – Muito difícil.

T. – Mas este modelo que você respeita você não gosta. Então como fazer?

T. – Você A., teve uma mãe distante que nunca cuidou de você, nunca o protegeu e principalmente uma mãe que não era considerada correta, por ser mãe solteira. O que acha que a escolha de M. tem a ver com essa história?

A. – Ela era muito jovem, eu a sentia como uma criança pura, precisando de proteção.

T. – Quem mais você protegia, protegendo esta mulher inocente e pura?

A. – Eu mesmo.

T. – Mas esta mulher temia ser protegida e ficar submissa como a mãe e nunca pode entender ou aceitar a sua proteção. Como você se sentiu?

A. – Muito frustrado e impotente.

T. – O fato dela ter ficado impotente, ginecologicamente, a tornava mais diferente ainda de sua mãe. Foi isto que te fez ficar com ela, protegendo-a sempre, apesar de tornar-se impotente também?

A. – Penso que sim.

T. – Vou resumir o que dissemos:

- M. escolheu um homem que não era tão forte quanto seu pai (modelo que não queria para si, mas admirava) e nunca pode reconhecer a proteção que A. sempre lhe deu, por julgá-lo fraco.

- A. escolheu para proteger uma mulher que apesar de precisar, não admitia ser protegida por um homem não tão forte.

Aparentemente o casal fez um erro de escolha assumindo pessoas diferentes dos modelos que tinham, mas que eles próprios não aceitavam.

Começamos aqui um trabalho de re-significação desta história, através de muitas perguntas.

T. – M., agora que você se sente mais segura e sabe que pode contar com A., como você re-avalia o fato de estar sendo figura importante no sustento de sua família?

M. – Penso que isto me dá mais prazer no trabalho que fica menos pesado.

T. – E você A., como poderá reconhecer sua própria potencia de outra forma, sem precisar proteger uma mulher que não quer ser vista como desvalida?

Será que vocês vão conseguir descobrir no outro, já que investiram tanto tempo nesta relação, as qualidades que têm e que podem complementá-los? Ou vão procurar em outras pessoas as qualidades novas que vocês querem para seus novos cônjuges, sem precisar se destruir um ao outro?

Seja qual for a decisão deste casal, poderão dar às filhas, modelos mais respeitosos de convívio e menos autoritários porque, baseados em maior segurança pessoal, sem necessidade de desvalorizar o outro (tornando-o impotente), para se sentirem fortes e protegidos com suas dívidas saudadas.

O importante nesta história não é o desfecho. É entender como valores válidos, como respeito à individualidade e aos limites próprios e alheios, eram buscados de forma tão inadequada nesta família, a ponto de tornar todos impotentes de alguma maneira.

O medo da mãe de ser submissa e a necessidade do pai de se proteger e ser protegido, incapacitou a todos de se valorizarem mutuamente e de passarem aos filhos noções claras de limites e respeito ao outro, pois qualquer restrição da individualidade era vista como ultraje a minha pessoa e invasão do outro. Ninguém percebia quando invadia os direitos alheios. O que é pior, todos buscavam proteção e validação de suas próprias potências na incapacidade ou impotência alheia (que por vezes até geraram), com a desculpa de estarem defendendo a própria individualidade.

Todos defendiam a própria autonomia sem perceber que desrespeitavam e anulavam ao outro.

Na medida em que começamos a por limites na família através de:

- perguntas como: “Por que então sua família te vê quase como um imbecil?” e,
- da atitude de separar o sub-sistema conjugal do familiar para redefini-lo, sem desautorizá-lo recuperando, se possível, a cumplicidade entre os pais, conseguimos com isto diminuir o autoritarismo vigente e, substituindo-o por compreensão e re-significação da relação, recuperar pelo menos o respeito entre os cônjuges.

Neste trabalho fomos muito auxiliados pela técnica psicodramática da escultura, que ajudou-nos a ver alternativas nas histórias contadas e por perguntas reflexivas.

Acredito porém, que o que embasou nossa postura terapêutica foi sempre o respeito à espontaneidade do casal, construindo com eles os passos de nosso trabalho e adotando a postura que Nagy (1988) chama de “ética relacional”, ou seja, respeito ao princípio da equidade de todos e ao senso de justiça. Nossos diálogos visaram restabelecer a confiança entre os membros da família.

Estes pais após entenderem suas dificuldades e poderem romper com suas “lealdades invisíveis” a modelos anteriores, puderam oferecer a suas filhas novos modelos, mais repensados criticamente, sendo mais justos com elas.

Este caso mostra-nos muito claramente, que Nagy (1995) tem razão quando diz que “nossos atos, em larga medida são regidos pela relação de dívida ou mérito que se estabelece entre nós e nossos parceiros: nós devemos a eles a compensação pelo que deles recebemos e esperamos o retorno, pelo que lhes oferecemos. Sem levar em conta esta ‘balança ética’, não nos será possível compreender a razão de nosso comportamento em relação a eles” (Nagy, C.D. *in* Elkain, M., pg. 108).

Este casal perdeu a noção da “balança ética”. Aldo não percebia o apoio que recebia da esposa através de sua disponibilidade e incentivo, embora ele também a apoiasse mantendo-a e à família. Por outro lado, Mariana não percebia que Aldo sustentou a família e a ela por muito tempo e não a deixou, nem arranjou outra, quando ela ficou impossibilitada de se relacionar

sexualmente. Nenhum viu o que o outro fazia por ele, percebendo-se como o único a se doar ou proteger, sem nada receber em troca.

O casamento só se restabeleceu, quando foram capazes de reconhecer através das esculturas, como um era visto pelo outro e que um sempre precisou e foi complementado pelo outro. A compreensão da fragilidade e força recíprocas foi entendida também através das esculturas das famílias de origem de cada um, que evidenciaram como ambos foram sempre muito sós em suas respectivas famílias. Como sempre desejaram e nunca tiveram vínculos fortes com os familiares. Perceberam também como temiam agora a própria carência e dependência afetiva e não se permitiam sentir-se ligados e dependentes um do outro, afastando-se mutuamente e buscando o apoio e a triangulação com uma das filhas. Estas eram percebidas por eles como mais frágeis e por isto não os ameaçavam afetivamente com a separação.

Para desmanchar as triangulações existentes, procuramos fazer com que cada um dissesse como via o outro e em que medida sua visão afetava a ambos. Fomos evidenciando então as parcelas de vulnerabilidade e força que cada um possuía e mostrando que se cada um podia ser professor, precisava também aprender seus limites e, principalmente, o que recebia dos outros. Isto os levou a perceber seu verdadeiro grau de autonomia e a lutarem por se diferenciarem e assumirem uma liberdade mais responsável em lugar de buscarem romper os vínculos recíprocos.

Considerações Finais

O que queremos demonstrar com este artigo é que os “valores” transmitidos pelas nossas famílias de origem, tanto podem nortear com clareza nossas vidas, quanto impedir o desenvolvimento de relações familiares atuais saudáveis, se os modelos transmitidos forem de dominação, abandono, injustiça ou desrespeito, dificultando a individuação. Além disto, demonstrar que não só os valores são transmitidos de uma geração a outra, mas seus malefícios e benefícios também.

Mais ainda pensamos ter explicitado a importância de uma terapia familiar nesses casos para, através de um trabalho com valores de casal, reequilibrar sua balança ética e quebrar o círculo vicioso de transmissão multigeracional das conseqüências desses valores.

Por isto temos muito a aprender com os indígenas que antes de tomar uma atitude séria pensam em conjunto, nas conseqüências destas, pelo menos por sete gerações seguintes. Seríamos assim mais ecológicos e estaríamos contribuindo para a reconstrução de dias melhores e mais justos.

Referências Bibliográficas

- DI GIORGI, C. A. G. – Mudanças nos valores e práticas da sociedade brasileira e globalização. In SANTOS, G.A. ; SILVA, D.J. Orgs. *Estudos sobre ética: a construção de valores na sociedade e na educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pg. 177-192.
- HORKEIMER, M; ADORNO, T.W. – *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.
- NAGY, C.D. – A Terapia Contextual in ELKAIM, M. – *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus, v.1, 1988, pg. 101-118.
- TEDESCO, F.C. – *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 1988.
- SEIXAS, M.R.D. – *Sociodrama Familiar Sistêmico*. São Paulo: Aleph, 1992.